

Caso 7

Herbert B. nos foi encaminhado em 5 de fevereiro de 1941, aos três anos e dois meses de idade. Pensava-se que ele tinha um sério retardo do desenvolvimento intelectual. Não tinha nenhuma anomalia física, exceto os testículos que não desceram. Seu eletroencefalograma era normal.

Herbert nasceu em 16 de novembro de 1937, duas semanas antes do termo, por cesariana eletiva; seu peso ao nascer era 2 quilos e 830 gramas. Desde o nascimento até o terceiro mês de idade, vomitou toda a alimentação. Depois, os vômitos cessaram quase abruptamente e, à exceção de regurgitações ocasionais, a alimentação prosseguiu satisfatoriamente. Segundo sua mãe, ele "sempre foi lento e calmo". Durante um certo tempo, acreditou-se que era surdo porque "não mostrava nenhuma mudança de expressão quando alguém lhe falava ou quando estava na presença de outras pessoas; e ele também não tentava falar ou formar palavras". Sustentou a cabeça aos 4 meses e sentou aos 8, mas não tentou andar até os 2 anos, quando de repente "começou a andar sem qualquer engatinhar ou apoiar-se em cadeira preliminares". Recusava-se persistentemente a tomar líquidos em qualquer recipiente que não fosse inteiramente de vidro. Uma vez, enquanto estava hospitalizado, ficou três dias sem tomar líquido, por que este lhe era oferecido em xícaras de metal. Ficava "tremendamente amedrontado com água corrente, queimadores de gás e muitas outras coisas". Ficava perturbado com qualquer mudança nos padrões habituais: "se ele percebe a mudança, fica muito nervoso e chora". Mas ele próprio gostava de abrir e fechar cortinas, rasgar caixas de papelão em pedacinhos e brincar com eles por horas e fechar e abrir portas.

Os pais de Herbert separaram-se pouco após seu nascimento. O pai, um psiquiatra, é descrito como "um homem de extraordinária inteligência, sensível, agitado, introspectivo, que se leva muito a sério, não se interessando pelas pessoas, vivendo essencialmente voltado para si mesmo, às vezes alcoólico". Sua mãe, que é médica, se diz "enérgica e expansiva, apaixonada pelas pessoas e crianças, com pouca compreensão intuitiva de seus problemas, achando muito mais fácil aceitar as pessoas como são do que tentar entendê-las". Herbert é o caçula de três filhos. O segundo é um menino normal, saudável. A mais velha, Dorothy, nascida em junho de 1934, depois de 36 horas de trabalho penoso, parecia ser um bebê alerta e vivaz e dizia muitas palavras aos 18 meses, mas por volta do final do segundo ano de vida "não mostrou grandes progressos em suas relações de brincadeira ou nos contatos com outras pessoas". Queria ser deixada sozinha, dançava em círculos, fazia ruídos estranhos com a boca e ignorava completamente as pessoas, com exceção da mãe, a quem se agarrava "em pânico e agitação generalizada". (Seu pai a detestava ostensivamente). "Sua fala era muito pobre e a expressão de idéias completamente falha. Tinha dificuldades com os pronomes e repetia "você?" e "eu?" ao invés de usá-los para as pessoas adequadas". Primeiro ela foi declarada débil mental, depois esquizofrênica, mas após a separação dos pais (as crianças ficaram com a mãe), ela "desabrochou". Agora ela vai à escola, onde está fazendo um bom progresso; ela fala bem, tem um Q.I. de 108, e - embora sensível e moderadamente receosa - interessa-se pelas pessoas e entende com elas razoavelmente bem.

Herbert, quando examinado na primeira consulta, mostrou uma fisionomia extraordinariamente inteligente e uma boa coordenação motora. Dentro de certos limites, apresentou espantosa determinação na busca dos objetivos que ele mesmo escolheu. Em meio a um grupo de cubos reconheceu imediatamente aqueles que eram colados em uma prancha e aqueles que eram destacáveis. Ele podia construir uma torre com cubos tão habilmente e tão alta quanto como qualquer criança de sua idade e mesmo mais velha. Não podia ser desviado das ocupações que ele mesmo escolhia. Ficava incomodado com qualquer interferência, empurrando os intrusos para longe (mesmo sem olhar para eles) ou gritando quando os empurrões não faziam efeito.

Foi visto novamente aos 4 anos e 7 meses e depois aos 5 anos e 2 meses de idade. Ainda não falava. Em ambas as vezes entrou no consultório sem prestar a mínima atenção às pessoas presentes. Foi procurar a Tábua de Seguin e ocupou-se instantaneamente colocando as figuras em seus devidos espaços e retirando-as novamente, habilmente e rapidamente. Quando interrompido, ele choramingou impacientemente. Quando uma figura era furtivamente removida, ele notou sua falta de imediato, ficou perturbado, mas esqueceu prontamente de tudo isso quando ela foi recolocada. Às vezes, depois de ter se acalmado da confusão causada pela retirada da prancha de encaixe, ele saltava com os pés juntos para cima e para baixo sobre o sofá com uma expressão estática na face. Não respondia ao ser chamado nem a qualquer outra palavra que lhe fosse endereçada. Ficava completamente absorto no que estivesse fazendo, fosse o que fosse. Ele nunca sorria. Às vezes, emitia sons inarticulados como se estivesse recitando uma canção monótona. Certa vez deu uma leve batida na perna da mãe e depois a roçou com os lábios. Levava com muita frequência aos lábios blocos e outros objetos. Havia uma similitude quase fotográfica em seu comportamento durante as duas visitas, com a principal exceção que aos 4 anos mostrou apreensão e recuou quando foi aceso um fósforo, enquanto aos 5 anos reagiu saltando com os pés juntos em êxtase.

Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatavuk

Caso 8

Alfred L. foi trazido pela mãe em novembro de 1935, aos 3 anos e meio, com a seguinte queixa:

Ele tem apresentado gradualmente uma tendência marcante para desenvolver um centro de interesse especial que irá dominar completamente suas atividades do dia. Ele fala pouco de outras coisas enquanto o centro de interesse subsiste, ele se aflige quando não pode se entregar a ele (vendo-o, entrando em contato com ele, desenhando-o) e é difícil ganhar sua atenção por causa desta preocupação... Tem também o problema de um apego excessivo ao mundo dos objetos e o fracasso em desenvolver um grau normal de consciência social.

Alfred nasceu em maio do 1932, três semanas antes do termo. Nos primeiros dois meses as mudanças de leite causaram muita preocupação, mas, depois, ele rapidamente melhorou e tornou-se um bebê extraordinariamente grande e forte?. Sentou-se aos 5 meses e andou aos 14.

A linguagem se desenvolveu lentamente; ele parecia não ter nenhum interesse nela. Raramente conta o que acontece com ele. Continua a confundir pronomes. Nunca faz perguntas sob a forma de questões (com a devida entonação). Desde que começou a falar tem a tendência a repetir indefinidamente uma palavra ou uma fala. Praticamente nunca diz uma sentença sem repeti-la. Ontem, quando olhava uma figura, disse várias vezes: ?Algumas vacas em pé na água?. Contamos cinquenta repetições, então parou após várias outras repetições e depois recomeçou tudo outra vez.

Ele tinha uma boa quantidade de preocupações?:

Fica atormentado quando o pão é colocado no forno para fazer torrada, e fica com medo que o pão possa ser queimado e seja machucado. Fica perturbado quando o sol se põe. Fica aborrecido por que a lua nem sempre aparece no céu à noite. Prefere brincar sozinho; desce de um brinquedo logo que outra criança se aproxima. Gosta de executar projetos usando caixas grandes (fazer um bonde, por exemplo) e não quer que ninguém suba ou mexa nele.

Quando foi impedido de chupar o polegar de forma infantil através de meios mecânicos, desistiu disto e em substituição colocava vários objetos na boca. Em várias ocasiões foram encontrados seixos em suas fezes. Pouco antes de seu segundo aniversário, engoliu o estofo de algodão de um coelho de páscoa de brinquedo, aspirou um pouco dele, de modo que foi necessária uma traqueotomia. Meses mais tarde engoliu um pouco de querosene sem maiores conseqüências?.

Alfred era filho único. O pai, com 30 anos quando ele nasceu, não se dá bem com as pessoas, é desconfiado, fácil de ser magoado e de ficar com raiva, é preciso arrastá-lo para visitar os amigos, ocupa seu tempo livre lendo, fazendo jardinagem e pescando?. É farmacêutico e formado em direito. A mãe, da mesma idade, é psicóloga clínica?, muito obsessiva e irritável. Os avós paternos morreram cedo; o pai foi adotado por um pastor. O avô materno, um psicólogo, era gravemente obsessivo, tinha inúmeros tiques, tinha inclinação para repetidas lavagens de mãos, idéias fixas, medo de ficar sozinho, ter uma crise cardíaca?. A avó, pessoa irritável e com um caráter explosivo, ministrou conferências, publicou vários livros, joga paciência constantemente, extremamente preocupada com questões de dinheiro?. Um tio materno que fugia com freqüência de casa e da escola, alistou-se na marinha e mais tarde teve um ajustamento esplêndido na vida comercial?.

A mãe deixou o marido dois meses depois do nascimento de Alfred. A criança viveu com a mãe e os avós maternos. Em casa há uma creche e um jardim de infância (que a mãe vai tocando), o que cria uma certa confusão para a criança?. Alfred nunca viu o pai até ter três anos e quatro meses de idade, quando a mãe decidiu que ele deveria conhecer o pai? e tomou providências para que o pai este viesse a casa para conhecer o menino?.

Depois de entrar no consultório, Alfred não prestou atenção alguma ao examinador. Descobriu imediatamente um trem na prateleira dos brinquedos, pegou-o e pôs-se a conectar e desconectar os vagões lenta e monotonamente. Repetia várias vezes ?Mais trem ? mais trem ? mais trem?. Ele contava? repetidamente dos vagões: ?Uma, duas janelas ? uma, duas janelas ? uma, duas janelas ? quatro janelas, oito janelas?. Não foi de forma alguma possível distraí-lo dos trens. Foi tentada a aplicação do teste de Binet em uma sala onde não havia trens. Foi possível, com muita dificuldade, vez ou outra, romper sua preocupação. Finalmente cedeu na maioria das vezes de uma forma que indicava claramente que ele queria se ver livre desta intrusão; isto se repetiu em cada um dos itens da tarefa. No final obteve um Q.I. de 140.

A mãe não o trouxe de volta depois desta primeira consulta por causa de sua prolongada angústia quando confrontado com um profissional médico?. Em agosto de 1938 ela mandou, a nosso pedido, um relato escrito do seu desenvolvimento. Deste relato são citadas as seguintes passagens:

Ele é chamado de lobo solitário. Prefere brincar sozinho e evita grupos de crianças para brincar. Não presta muita atenção aos adultos, exceto para demandar-lhes estórias. Evita competições. Lê estórias simples para si mesmo. Tem muito medo de ser machucado, fala muito sobre a utilização da cadeira elétrica. Entra em pânico quando alguém, acidentalmente, cobre seu rosto.

Alfred foi novamente encaminhado em junho de 1941. Seus pais decidiram viver juntos. Antes disso, o menino havia estado em onze escolas diferentes. Ficava freqüentemente de cama devido a resfriados, bronquite,

catapora, infecção por estreptococos, impetigo e uma condição vagamente descrita que a mãe ? não obstante afirmações contrárias de vários pediatras ? insistia que era ?febre reumática?. Enquanto esteve no hospital, disseram que se portou ?como um paciente maniaco?. A mãe gostava de se dizer psiquiatra e de fazer diagnósticos ?psiquiátricos? para o filho. Do relatório da mãe, que combinava uma obsessiva enumeração de ocorrências pormenorizadas com ?explicações? que tentavam provar a ?normalidade? de Alfred, foram coletadas as informações que se seguem.

Começou a brincar com crianças mais novas que ele, ?usando-as como marionetes ? é tudo?. Ele foi abarrotado com música, teatro e recitais, e tinha uma excelente memória de rotina. Ele continuava a ficar ?terrivelmente absorto? por suas brincadeiras, não queria pessoas por perto, simplesmente não podia relaxar:

Ele teve muitos medos, quase sempre ligados a ruídos mecânicos (moedor de carne, aspirador de pó, carros na rua, trens, etc.). Usualmente ele é tomado por um interesse obsessivo pelas coisas de que tem medo. Atualmente está com medo da estridência do latido de um cachorro.

Alfred ficou extremamente tenso durante toda a entrevista e muito sério, a tal ponto que, se não fosse por sua voz juvenil, teria dado a impressão de um velho homenzinho ansioso e preocupado. Ao mesmo tempo, estava muito agitado e apresentou uma aflição para falar, o que nada tinha de pessoal em si, mas que eram compostas por perguntas obsessivas sobre janelas, sombras, salas escuras, e especialmente sobre a sala de raio X. Nunca sorria. Nenhuma mudança de assunto poderia desviar-lo do tema da luz e da escuridão. Mas, no meio, ele respondeu às perguntas do examinador, que freqüentemente tinham que ser repetidas várias vezes, e as quais ele algumas vezes respondia numa espécie de barganha ? ?Você responde minha pergunta que eu respondo às suas?. Ele era meticulosamente específico em suas definições. Um balão ?é feito de fibra de borracha e tem gás no seu interior, alguns contêm gás e às vezes eles sobem no ar e às vezes eles podem ser segurados e quando são furados, eles estourarão; e se as pessoas os apertam eles estouram. Não está certo??. Um tigre ?é uma coisa, animal, listrado, como um gato, pode arranhar, come pessoas, selvagem, vive às vezes na selva e nas florestas. Principalmente na selva. Não está certo??. Essa pergunta ?Não está certo??. definitivamente era destinada a ser respondida; havia aí um desejo muito autêntico de ser assegurado de que suas definições tinham sido suficientemente completas.

Ele ficava freqüentemente confuso em relação à significação das palavras. Quando lhe foi mostrada uma figura e perguntado, ?Sobre o que é esta figura??. ele replicou, ?Pessoas estão se movendo sobre ?.

Certa vez deteve-se e perguntou, muito perplexo, por que há ?Hospital John Hopkins? impressos nos folhetos do histórico: ?Por que eles têm que contar isto??. Isto, para ele, representava um problema real da maior importância, que exigia muita reflexão e discussão. Já que as histórias eram tomadas no hospital, por que seria necessário ter este nome escrito e cada folha, já que a pessoa que escrevia nela sabia onde ela estava escrevendo? O clínico que o examinava, de quem ele se lembrava muito bem de sua visita há seis anos atrás; era para ele nada mais e nada menos que uma pessoa destinada a responder suas perguntas obsessivas sobre a escuridão e a luz.

Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatauvuk

Caso 9

Charles N. foi trazido por sua mãe em 2 de fevereiro de 1943, aos 4 anos e meio de idade, com a queixa principal de que "A coisa que mais me perturba é que não posso entender meu bebê?. Ela iniciou seu relato dizendo: ?Estou tentando com empenho não ter minhas observações dominadas pelos conhecimentos profissionais que se intrometeram na minha própria maneira de pensar neste meio tempo?.

Quando bebê o menino era inativo, "lento e apático". Ficava deitado no berço, só olhando com os olhos arregalados. Agia como que hipnotizado. Parecia concentrar-se em fazer uma coisa de cada vez. Suspeitou-se de hipotireoidismo, e foi lhe ministrado extrato de tiróide sem ter havido qualquer mudança em seu estado geral.

Seu prazer e gosto por escutar música, encorajaram-me a colocar discos para ele. Quando ele tinha um ano e meio de idade, podia discriminar dezoito sinfonias. Reconhecia o compositor a partir do início do primeiro movimento começava. Dizia "Beethoven". Por volta da mesma idade, começou a girar brinquedos e tampas de garrafa e potes a toda hora. Tinha muita habilidade manual para fazer girar cilindros. Olhava-os e ficava extremamente excitado e pulava no lugar de pés unidos em êxtase. Agora anda interessado em refletir raios luminosos com espelhos e em captar reflexos. Quando está interessado em alguma coisa, ninguém pode removê-lo. Não prestará atenção em mim e não dará mostras de reconhecer-me se eu entrar na sala...

A coisa mais impressionante é seu afastamento e sua inacessibilidade. Ele anda como se estivesse em uma sombra, vive em um mundo próprio onde não pode ser alcançado. Nenhum senso de relacionamento com as pessoas. Passou por um período em que repetia as falas de outra pessoa qualquer; nunca oferece nada de si

mesmo. Toda sua conversa é uma réplica de algo do que quer que seja que já lhe foi dito. Costumava falar de mesmo na segunda pessoa, agora, às vezes, usa a terceira pessoa; ele diz "Ele quer" - nunca "Eu quero".

É destrutivo; a mobília de seu quarto parecem ter sido reduzido a pedaços. Ele quebraria um lápis violeta em duas partes e diria "Você tinha um bonito lápis violeta e agora são dois pedaços. Olhe o que você fez". Ele desenvolveu uma obsessão por fezes, que esconde em qualquer lugar (por exemplo, em gavetas) e implica comigo se entro no cômodo: "Você sujou suas calças, agora você não pode ter seus lápis de volta!".

Como consequência, ele ainda não está treinado para usar o banheiro. Ele nunca se suja na creche, sempre faz isto quando chega em casa. A mesma coisa acontece para fazer xixi. Sente orgulho em fazer xixi nas calças, pula no mesmo lugar com os pés juntos, em êxtase, diz: "Olha para a grande poça que ele fez".

Quando está com outras pessoas, não olha para elas. Em julho passado recebemos um grupo de pessoas. Quando Charles entrou, foi exatamente como se tivéssemos deixado um potro sair de sua baía. Ele não prestou atenção nelas, mas sentiu sua presença. Imitou uma voz e cantou, e algumas pessoas não perceberam qualquer anormalidade na criança. Na escola, ele nunca se deixa rodear por um grupo, fica afastado do resto das crianças exceto quando está na reunião; se houver música, ele vai para a primeira fila e canta.

Ele tem uma extraordinária memória para palavras. O vocabulário é bom, exceto para os pronomes. Nunca começa uma conversa e sua conversa é pobre - vai somente até onde vão os objetos.

Charles nasceu normalmente, foi uma criança planejada e desejada. Ele sentou-se aos 6 meses e andou com menos de 15 meses - simplesmente um dia ficou de pé e andou - sem antes engatinhar". Não teve nenhuma das costumeiras doenças infantis.

Charles é o mais velho dos três filhos. O pai, de nível secundário e comerciante de roupas, é descrito como "uma pessoa que se fez por esforço próprio, gentil, calma e plácida". A mãe mantém um negócio bem sucedido, um escritório de venda de discos e entradas para teatro em Nova Iorque, e é de uma notória serenidade". Os outros dois filhos tinham 28 e 14 meses de idade na época da visita de Charles à clínica. A avó materna, "muito dinâmica, enérgica, hiperativa, quase hipomaniaca", escreveu e compôs um pouco. A tia materna, "psiconeurótica, muito brilhante, com inclinação à histeria", escreveu poemas e canções. Outra tia foi mencionada como "a amazona da família". Um tio materno, um psiquiatra, tem considerável talento musical. Os parentes do pai foram descritos como "pessoas simples e comuns".

Charles era um menino bem desenvolvido, de aparência inteligente, com boa saúde física. Usava óculos. Quando ele entrou no consultório, não prestou a mínima atenção nas pessoas presentes (três médicos, sua mãe e seu tio). Sem olhar para ninguém, disse, "Eu quero um lápis!", e pegou uma folha de papel da escrivã e escreveu algo semelhante ao número 2 (num grande e saliente calendário de mesa apresentava-se o número 2 - estávamos no dia 2 de fevereiro). Ele havia trazido consigo um exemplar do Readers Digest e estava fascinado pela fotografia de um bebê, e disse, inúmeras vezes, "Olhem para o bebê engraçado", acrescentando de vez em quando, "Não é engraçado? Não é um amor?".

Quando lhe tiraram o livreto, ele lutou com a mão que pegou o livro, sem olhar para a pessoa que tinha pegado. Quando espetado por um alfinete, disse "O que é isto?", e respondeu a própria pergunta: "É uma agulha".

Ele olhou timidamente para o alfinete, encolheu-se para evitar novas espetadas, mas em nenhum momento pareceu associar e espetada à pessoa que segurava o alfinete. Quando o Readers Digest lhe foi tirado, jogado no chão e um pé foi posto em cima, ele tentou remover aquele pé como se fosse um outro objeto distinto e interferente, e, mais uma vez, sem preocupação alguma com a pessoa a quem o pé pertencia. Voltou-se uma vez para sua mãe e disse, "Dê-o para você!".

Quando se confrontou com uma tábua de Seguin, interessou-se principalmente pelos nomes das formas antes de colocá-las nos devidos buracos. Frequentemente fazia as formas girarem, saltando, com excitação, no mesmo lugar com os pés juntos enquanto elas estavam em movimento. Todo o desempenho foi muito repetitivo. Ele nunca usou a linguagem como um meio de comunicação com as pessoas. Lembrava-se de nomes como "octógono", "losango", "bloco oblongo", mas não obstante continuava perguntando, "O que é isto?".

Ele não respondia ao ser chamado e não olhava para sua mãe quando ela falava com ele. Quando os blocos foram removidos, ele gritou, sapateou e chorou "Eu vou dá-los para você!" (significando "Você vai dá-los para mim?"). Ele era muito habilidoso em seus movimentos.

Charles foi matriculado na escola Devereux.

Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatauk

Caso 9

Charles N. foi trazido por sua mãe em 2 de fevereiro de 1943, aos 4 anos e meio de idade, com a queixa principal de que "A coisa que mais me perturba é que não posso entender meu bebê?. Ela iniciou seu relato dizendo: "Estou tentando com empenho não ter minhas observações dominadas pelos conhecimentos profissionais que se intrometeram na minha própria maneira de pensar neste meio tempo?."

Quando bebê o menino era inativo, "lento e apático". Ficava deitado no berço, só olhando com os olhos arregalados. Agia como que hipnotizado. Parecia concentrar-se em fazer uma coisa de cada vez. Suspeitou-se de hipotireoidismo, e foi lhe ministrado extrato de tiróide sem ter havido qualquer mudança em seu estado geral.

Seu prazer e gosto por escutar música, encorajaram-me a colocar discos para ele. Quando ele tinha um ano e meio de idade, podia discriminar dezoito sinfonias. Reconhecia o compositor a partir do início do primeiro movimento começava. Dizia "Beethoven". Por volta da mesma idade, começou a girar brinquedos e tampas de garrafa e potes a toda hora. Tinha muita habilidade manual para fazer girar cilindros. Olhava-os e ficava extremamente excitado e pulava no lugar de pés unidos em êxtase. Agora anda interessado em refletir raios luminosos com espelhos e em captar reflexos. Quando está interessado em alguma coisa, ninguém pode removê-lo. Não prestará atenção em mim e não dará mostras de reconhecer-me se eu entrar na sala...

A coisa mais impressionante é seu afastamento e sua inacessibilidade. Ele anda como se estivesse em uma sombra, vive em um mundo próprio onde não pode ser alcançado. Nenhum senso de relacionamento com as pessoas. Passou por um período em que repetia as falas de outra pessoa qualquer; nunca oferece nada de si mesmo. Toda sua conversa é uma réplica de algo do que quer que seja que já lhe foi dito. Costumava falar de mesmo na segunda pessoa, agora, às vezes, usa a terceira pessoa; ele diz "Ele quer" - nunca "Eu quero".

É destrutivo; a mobília de seu quarto parecem ter sido reduzido a pedaços. Ele quebraria um lápis violeta em duas partes e diria "Você tinha um bonito lápis violeta e agora são dois pedaços. Olhe o que você fez". Ele desenvolveu uma obsessão por fezes, que esconde em qualquer lugar (por exemplo, em gavetas) e implica consigo se entro no cômodo: "Você sujou suas calças, agora você não pode ter seus lápis de volta!".

Como conseqüência, ele ainda não está treinado para usar o banheiro. Ele nunca se suja na creche, sempre faz isto quando chega em casa. A mesma coisa acontece para fazer xixi. Sente orgulho em fazer xixi nas calças, pula no mesmo lugar com os pés juntos, em êxtase, diz: "Olha para a grande poça que ele fez".

Quando está com outras pessoas, não olha para elas. Em julho passado recebemos um grupo de pessoas. Quando Charles entrou, foi exatamente como se tivéssemos deixado um potro sair de sua baia. Ele não prestou atenção nelas, mas sentiu sua presença. Imitou uma voz e cantou, e algumas pessoas não perceberam qualquer anormalidade na criança. Na escola, ele nunca se deixa rodear por um grupo, fica afastado do resto das crianças exceto quando está na reunião; se houver música, ele vai para a primeira fila e canta.

Ele tem uma extraordinária memória para palavras. O vocabulário é bom, exceto para os pronomes. Nunca começa uma conversa e sua conversa é pobre - vai somente até onde vão os objetos.

Charles nasceu normalmente, foi uma criança planejada e desejada. Ele sentou-se aos 6 meses e andou com menos de 15 meses? "simplesmente um dia ficou de pé e andou - sem antes engatinhar". Não teve nenhuma das costumeiras doenças infantis.

Charles é o mais velho dos três filhos. O pai, de nível secundário e comerciante de roupas, é descrito como "uma pessoa que se fez por esforço próprio, gentil, calma e plácida". A mãe mantém um "negócio bem sucedido, um escritório de venda de discos e entradas para teatro em Nova Iorque, e é de uma notória serenidade". Os outros dois filhos tinham 28 e 14 meses de idade na época da visita de Charles à clínica. A avó materna, "muito dinâmica, enérgica, hiperativa, quase hipomaniaca", escreveu e compôs um pouco. A tia materna, "psiconeurótica, muito brilhante, com inclinação à histeria", escreveu poemas e canções. Outra tia foi mencionada como "a amazona da família". Um tio materno, um psiquiatra, tem considerável talento musical. Os parentes do pai foram descritos como "pessoas simples e comuns".

Charles era um menino bem desenvolvido, de aparência inteligente, com boa saúde física. Usava óculos. Quando ele entrou no consultório, não prestou a mínima atenção nas pessoas presentes (três médicos, sua mãe e seu tio). Sem olhar para ninguém, disse, "Eu quero um lápis!", e pegou uma folha de papel da escrivã e escreveu algo semelhante ao número 2 (num grande e saliente calendário de mesa apresentava-se o número 2 - estávamos no dia 2 de fevereiro). Ele havia trazido consigo um exemplar do Readers Digest e estava fascinado pela fotografia de um bebê, e disse, inúmeras vezes, "Olhem para o bebê engraçado", acrescentando de vez em quando, "Não é engraçado? Não é um amor?".

Quando lhe tiraram o livreto, ele lutou com a mão que pegou o livro, sem olhar para a pessoa que tinha pegado. Quando espetado por um alfinete, disse "O que é isto?", e respondeu a própria pergunta: "É uma agulha".

Ele olhou timidamente para o alfinete, encolheu-se para evitar novas espetadas, mas em nenhum momento pareceu associar e espetada à pessoa que segurava o alfinete. Quando o Readers Digest lhe foi tirado, jogado no chão e um pé foi posto em cima, ele tentou remover aquele pé como se fosse um outro objeto distinto e interferente, e, mais uma vez, sem preocupação alguma com a pessoa a quem o pé pertencia. Voltou-se uma vez para sua mãe e disse, "Dê-o para você!".

Quando se confrontou com uma tábua de Seguin, interessou-se principalmente pelos nomes das formas antes de colocá-las nos devidos buracos. Frequentemente fazia as formas girarem, saltando, com excitação, no mesmo lugar com os pés juntos enquanto elas estavam em movimento. Todo o desempenho foi muito repetitivo. Ele nunca usou a linguagem como um meio de comunicação com as pessoas. Lembrava-se de nomes como "octógono", "losango", "bloco oblongo", mas não obstante continuava perguntando, "O que é isto?".

Ele não respondia ao ser chamado e não olhava para sua mãe quando ela falava com ele. Quando os blocos foram removidos, ele gritou, sapateou e chorou "Eu vou dá-los para você!" (significando "Você vai dá-los para mim?"). Ele era muito habilidoso em seus movimentos.

Charles foi matriculado na escola Devereux.

Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatauvuk

Caso 10

John F. foi visto pela primeira vez em 13 de fevereiro de 1940, aos 2 dois anos e 4 meses de idade.

Seu pai disse: "A coisa que mais me é a dificuldade para alimentá-lo. Esta é a coisa essencial, em segundo lugar é a lentidão em seu desenvolvimento. Durante os primeiros dias de vida, não pegava satisfatoriamente o seio. Em quinze dias foi mudado do seio para a mamadeira, mas ele não mamava satisfatoriamente. Há uma longa história de tentar fazer entrar o alimento. Tentamos absolutamente tudo o que foi possível. Ele sempre foi imaturo. Aos 20 meses começou a andar. Chupa o polegar, e range os dentes com muita frequência e rola de um lado para o outro antes de dormir. Se não fazemos o que ele quer, grita e berra".

John nasceu em 19 de setembro de 1937; ao nascer pesava 3.400 gramas. Foi hospitalizado com frequência devido ao problema alimentar. Nunca foram encontrados transtornos físicos - exceto que a fontanela anterior que não fechou até que ele tivesse dois anos e meio de idade. Sofria de resfriados constantes e otite média, o que demandou uma miringotomia bilateral.

John foi filho único até fevereiro de 1943. O pai, um psiquiatra, é "uma pessoa calma, plácida, emocionalmente estável, que é o elemento apaziguador da família?". A mãe, graduada no colegial, trabalhava como secretária em um laboratório de patologia antes de casar? É o tipo de pessoa hipomaniaca; antes de qualquer coisa vê tudo muito mais como um espécime patológico, do que saudável; ao logo de sua gravidez, estava muito apreensiva, com medo de não sobreviver ao trabalho de parto?. A avó paterna é ?obsessiva por religião e lava as mãos a toda hora?. O avô materno era contador.

John foi trazido ao consultório por ambos os pais. Perambulou pela sala constantemente e a esmo. Exceto pelos rabiscos espontâneos, jamais deu mostras de relacionar dois objetos entre si. Não respondeu aos comandos mais simples, salvo quando os pais, com muita dificuldade eliciaram um tchau, uma rima infantil, um ?achou? (esconde-achar), realizados de forma desajeitada. Seu comportamento típico em relação aos objetos era atirá-los no chão.

Três meses mais tarde, seu vocabulário apresentou uma melhora surpreendente, apesar de uma articulação imperfeita. Foram observadas leves tendências obsessivas, como, por exemplo, empurrar para o lado a primeira colherada de cada prato. Seus passeios pelo consultório fora um pouco mais intencionais.

No final do seu quarto ano, ele era capaz de estabelecer um tipo de contato afetivo muito limitado, e mesmo assim, com um número de pessoas bastante reduzido. Uma vez estabelecido tal relação, ela deveria prosseguir exatamente através dos mesmos moldes já especificados. Ele era capaz de formar sentenças elaboradas e gramaticalmente corretas, mas usava o pronome da segunda pessoa quando se referia a si mesmo. Usava a linguagem não como meio de comunicação, mas, sobretudo como uma repetição de coisas que havia escutado, sem alteração do pronome pessoal. Tinha uma obsessividade marcante. A rotina diária devia ser rigidamente seguida; a mais leve mudança no padrão preestabelecido provocava crises de pânico. A repetição de frases não tinha fim. Tinha uma excelente memória de rotina e podia recitar muitas orações, rimas infantis e canções "em diferentes línguas"; a mãe colaborou muito para encher-lhe a cabeça disto e ficava orgulhosa com estas "façanhas": "Ele reconhece discos pela cor, e se identifica um lado, lembra-se do que há no outro".

Aos quatro anos e meio, ele começou, pouco a pouco, a usar adequadamente os pronomes. Muito embora seu interesse direto era somente por objetos, ele empenhou-se seriamente em atrair a atenção da avaliadora (Dra. Hilde Bruch) e obter seus elogios. Porém nunca se dirigiu a ela direta e espontaneamente. Queria assegurar-se

da uniformidade de seu ambiente, mantendo literalmente portas e janelas fechadas. Quando sua mãe abriu a porta "para acabar com sua obsessão?", tornou-se violento ? fechando-a novamente, e, finalmente, quando foi novamente perturbado, desmanchou-se em lágrimas desamparado, totalmente frustrado.

Ficava extremamente perturbado ao ver qualquer coisa quebrada ou incompleta. Percebeu duas bonecas as quais nunca havia se interessado anteriormente. Viu que uma delas não tinha chapéu e ficou muito agitado vagando pela sala procurando o chapéu. Quando o chapéu foi recuperado, trazido de outra sala, ele perdeu instantaneamente o interesse pelas bonecas.

Aos cinco anos e meio, tinha um bom domínio do uso dos pronomes. Tinha começado a se alimentar satisfatoriamente. Ao ver no consultório a foto de um grupo de pessoas, perguntou ao pai, "quando eles vão sair da fotografia e entrar aqui?".

Ele estava falando com toda a seriedade. Seu pai lhe disse algo sobre os quadros que tinham pendurados na parede em casa, o que o incomodou levemente. Ele corrigiu o pai: "Nós os temos perto da parede", (?na? significava aparentemente para ele ?sobre? ou ?em cima?).

Quando viu a moeda de um penny, disse "Penny. É onde vocês jogam boliche". Ele recebeu moedas quando derrubou as garrafas, jogando com o pai em casa.

Ele viu um dicionário e disse para o pai: "É aí que você deixou o dinheiro?". Certa vez o pai tinha deixado dinheiro em um dicionário e pedido a John para contar o fato à sua mãe.

Seu pai assobiou uma melodia, e John a identificou instantânea e corretamente como o "concerto para violino de Mendelssohn?". Apesar de poder falar das coisas como ?grande? ou ?bonita?, era completamente incapaz de fazer comparações (Qual linha é a maior? Que rosto é mais bonito? etc).

Em dezembro de 1942 e janeiro de 1943 ele teve duas séries de convulsões predominantemente no hemisfério direito, conjugadas com um desvio dos olhos para a direita e paresia passageira do braço direito. O exame neurológico não acusou anormalidade alguma. Os fundos de olho eram normais. Um eletroencefalograma indicou "distúrbio focal na região occipital esquerda", mas "boa parte do traçado não pôde ser interpretado em virtude dos artefatos contínuos devidos à falta de cooperação da criança".

Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatauvuk

Caso 11

Elaine C. foi trazida pelos pais em 12 de abril de 1939, aos 7 anos e 2 meses, por causa de um ?desenvolvimento incomum?: ?Ela não se adapta. Detém-se em todos os tipos de abstração. Não compreende as brincadeiras das outras crianças, não se interessa pelas histórias que lê para ela, vagueia e anda sozinha, gosta especialmente de todo tipo de animais, às vezes os imita andando de quatro no chão e fazendo ruídos estranhos?.

Elaine nasceu a termo em 3 de fevereiro de 1932. Parecia em boa saúde, alimentava-se bem, ficou de pé aos 7 meses e andou com menos de um ano. Já pronunciava quatro palavras no fim do primeiro ano de vida, mas não fez progresso algum no desenvolvimento da linguagem durante os quatro anos seguintes. Suspeitou-se de surdez, mas logo descartada. Por causa de uma doença febril aos 13 meses, suas dificuldades crescentes foram interpretadas como um possível transtorno de comportamento postencefalítico. Outras pessoas culpavam a mãe, que foi acusada de cuidar mal da criança. Debilidade mental foi um outro diagnóstico. Durante dezoito meses foram-lhe ministrados extratos hipofisário anterior e tireoidiano. ?Alguns médicos?, perplexos com a fisionomia inteligente de Elaine, ?pensaram que ela era uma criança normal e disseram que ela superaria isto?. Aos dois anos foi colocada em uma escola maternal, onde ?fazia de forma independente as coisas do seu jeito e não como os outros. Por exemplo, bebeu água e comeu a planta, quando estavam sendo ensinados a cuidar de flores?. Ela desenvolveu um interesse precoce por figuras de animais. Embora geralmente agitada, podia ficar concentrada durante horas olhando para tais figuras, ?especialmente as gravuras?.

Quando começou a falar, por volta dos 5 anos, logo começou com sentenças completas ainda que simples, que eram ?frases mecânicas?, sem relação com a situação do momento ou relacionada a esta de uma forma metafórica específica. Tinha um excelente vocabulário, conhecia, particularmente os nomes e ?classificações? de animais. Não usava os pronomes corretamente, mas usava bem os plurais e tempos verbais. ?Não conseguia usar os negativos, mas reconhecia seu sentido quando os outros os usavam?.

Havia muitas peculiaridades em sua relação com as situações:

Ela sabe contar mecanicamente. Pode por a mesa para um determinado número de pessoas se seus nomes forem dados a ela ou forem enumeradas de alguma forma, mas não pode por a mesa para três. Se a mandarmos buscar um objeto específico em um lugar determinado, não o trará caso ele estiver em um lugar diferente, ainda que esteja visível.

Fica aterrorizada com barulhos e com qualquer coisa que se viesse em sua direção. Tinha tanto medo do aspirador que nem mesmo chegava perto do armário em que ele era guardado e, quando o usávamos, ela fugia de casa correndo, e se refugiava na garagem, cobrindo os ouvidos com as mãos.

Elaine era a mais velha de dois filhos. Seu pai, de 36 anos, estudou direito e ciências humanas em três universidades (inclusive na Sorbonne); era redator publicitário, uma dessas pessoas cronicamente magras, com energia nervosa rapidamente gasta. Era Certa vez foi editor de uma revista. A mãe, com 32 anos, uma pessoa com bem controlada, calma e lógica, trabalhava no editorial de uma revista antes do casamento. O avô materno era um editor de um jornal, a avó emocionalmente instável.

Elaine havia sido examinada por um psicólogo de Boston um pouco antes dos 7 anos. O relatório, entre outras coisas, dizia:

Sua atitude para com o profissional permaneceu vaga e indiferente. Mesmo quando incomodada pela restrição, pôde ser capaz de empurrar vigorosamente para longe e gritando uma mesa ou uma mão que a estivesse contendo, no entanto nunca fez um apelo pessoal por ajuda ou compaixão. Nos momentos favoráveis, mostrou-se hábil para segurar seus lápis ou armar peças para formar figuras de animais. Pôde nomear uma grande variedade de figuras, dentre as quais elefantes, jacarés e dinossauros. Usou uma estrutura de linguagem na forma de sentenças simples, mas raramente respondeu a uma pergunta direta. Enquanto brinca, não para de repetir expressões que não têm relação alguma com a situação imediata.

Fisicamente, a criança estava com boa saúde. Seu eletroencefalograma era normal.

Quando examinada, em abril de 1939, apertou as mãos do médico em cumprimento após ter sido solicitada a fazê-lo, sem olhá-lo, depois, correu para a janela e olhou para fora. Atendeu automaticamente o convite para sentar-se. Sua reação às perguntas depois de serem sido várias vezes repetidas foi uma reprodução de tipo ecológico de toda a pergunta ou, se esta fosse longa demais, de sua parte final. Ela não teve contato real algum com as pessoas no consultório. Sua expressão era insípida, mas não desprovida de inteligência, e não ocorreram gestos comunicativos. Em um dado momento, sem mudar de fisionomia, disse subitamente: "Os peixes não choram". Um pouco mais tarde, levantou-se e deixou a sala sem perguntar e sem demonstrar medo.

Foi internada no Child Study Home de Maryland, onde permaneceu por três semanas e foi investigada pelos doutores Eugenia S. Cameron e George Frankl. Enquanto esteve lá, aprendeu rapidamente os nomes de todas as crianças, sabia a cor de seus olhos, a cama em que cada uma dormia e muitos outros detalhes sobre elas, mas nunca estabeleceu qualquer tipo de relação com elas. Quando levada aos parques, ficava extremamente perturbada e voltava correndo para seu quarto. Era muito agitada, mas quando a deixavam olhar figuras, brincar sozinha com blocos, desenhar ou enfiar contas, podia entreter-se satisfeita por horas a fio. Qualquer barulho, qualquer interrupção, a perturbava. Uma vez, quando sentada no vaso sanitário, ouviu batidas nos canos; após vários dias deste evento e mesmo quando era colocada no penico em seu quarto, não podia fazer seu intestino funcionar, escutando ansiosamente se o mesmo barulho ocorreria. Soltava freqüentemente frases estereotipadas, tais como, "Dinossauros, não chorem?", "Lagostins, tubarões, peixe e rochedos?", "Lagostins e garfos vivem nas barrigas das crianças?", "Borboletas vivem no estômago das crianças e em suas calcinhas também", "O peixe tem dentes afiados e morde as crianças?", "Tem guerra no céu?", "Rochedos e penhascos, eu vou matar" (agarrando seu cobertor e chutando-o pela cama), "Gárgulas comem crianças e bebem óleo"; "Vou esmagar o velho verme de ângulo, ele morde as crianças" (rangendo os dentes e girando em círculos, muito excitada); "Gárgulas têm bolsas de leite"; "Cabeça de alfinete. Xixi cor-de-rosa. Tem uma perna amarela. Cortando o veado morto. Veado venenoso. Pobre Elaine. Nada de girinos em casa. Homens quebraram a perna do veado", (enquanto recortava de um livro a figura de um veado), "Tigres e gatos". "Focas e salamandras", "Ursos e raposas".

Seguem-se alguns trechos das observações:

Sua linguagem tem sempre as mesmas características. Sua fala nunca é acompanhada por expressões faciais ou gestos. Ela não olha para o rosto das pessoas. Sua voz é peculiarmente sem inflexão, um pouco rouca; ela pronuncia as palavras de maneira abrupta.

Seu modo de falar é impessoal. Nunca usa corretamente os pronomes pessoais da primeira e segunda pessoa. Parece não ser capaz de conceber o sentido real destas palavras. Sua gramática é inflexível. Usa as sentenças exatamente como as escutou, sem adaptá-las gramaticalmente à situação do momento. Quando diz "Quer que eu desenhe uma aranha?", ela quer dizer "Eu quero que você desenhe uma aranha?". Ela concorda através da repetição da pergunta ao pé da letra, e nega não obedecendo.

Sua fala é raramente comunicativa. Não tem relação com crianças, nunca falou com elas, para ser amigável ou brincar com elas. Desloca-se entre elas como um ser estranho, como nos deslocamos entre os móveis de um cômodo.

Ela insiste na repetição da mesma rotina, sempre. A interrupção da rotina é uma das ocasiões mais freqüentes para suas crises. Suas próprias atividades próprias são simples e repetitivas. É capaz de passar horas imersa em um tipo de devaneio e parece ficar muito contente com isto. Tem inclinação para realizar movimentos rítmicos que sempre são masturbatórios. Ela se masturba mais em períodos de excitação do que durante os de felicidade tranqüila... Seus movimentos são rápidos e hábeis.

Elaine foi colocada numa escola particular na Pennsylvania. Em uma carta recente, o pai relatou ?mudanças muito surpreendentes?:

Ela é uma menina alta, forte, de olhos claros, que há muito tempo perderam qualquer traço de selvajaria animal que periodicamente mostravam na época em que o senhor a conheceu. Ela fala bem sobre quase todos os assuntos, apesar de algo estranho na entonação. Sua conversa continua uma fala desconexa, com freqüência com um ponto divertido, e que é apenas ocasional, deliberado e enunciado. Ela lê muito bem, mas lê rápido, misturando palavras, sem pronunciá-las claramente e sem colocar a entonação apropriada. Seu campo de conhecimentos é realmente bastante vasto e sua memória quase infalível. É obvio que Elaine não é ?normal?. Um fracasso em qualquer coisa a conduz a um sentimento de derrota, de desespero e a um acesso momentâneo de depressão.

Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatauk